

“Memórias Reflexivas sobre a criação de um curso de pós-graduação”

José Antônio Ribas Ribeiro

O Curso de Pós-Graduação em **Agroecossistemas (PGA)** do Centro de Ciências Agrárias (CCA), envolve mais de um departamento, e teve vários motivos para ser criado e uma longa gestação. Em 1982, Jorge Konder Bornhausen assume o governo do Estado de Santa Catarina. Ainda sem ter um nome indicado para o cargo de Secretário da Agricultura, o governador recebe uma sugestão de um nome que era considerado um consenso da classe agrônoma do Estado, o então presidente de uma empresa multinacional, Engenheiro Agrônomo Luiz Carlos Galotti Bayer. Era muito louvado entre seus pares e também tinha deixado muitas saudades pelo brilhante trabalho desenvolvido no fortalecimento do serviço de extensão rural. A este empresário foi sinalizado que devia desincompatibilizar-se de suas funções privadas para assumir aquele posto público maior da área da agricultura no Estado.

Tive acesso a essa informação e tratei de reunir-me com o professor Cristóvão de Andrade Franco, recém indicado pela EMBRATER para ser o Diretor Técnico da ACARESC. Prof. Cristóvão, foi um dos responsáveis para a instalação do exitoso serviço de Extensão Rural em Santa Catarina e também um dos idealizadores e primeiro coordenador do curso de Agronomia da UFSC. Pessoa de muitas luzes, muito culto e estudioso, Cristóvão não via com bons olhos a segregação que o curso de Agronomia estava sofrendo por parte de profissionais de outras áreas ligadas à Agricultura no serviço público, e via muito desperdício de potencialidades humanas, carência de troca de informações resultando em repetição de esforços, perda de foco e prejuízos para o Estado como um todo.

De minha parte, também sentindo esse distanciamento, procurei conhecer as razões responsáveis por esse desencontro e em conversas com técnicos das várias instituições, com alunos e ex-alunos e principalmente com o prof. Cristóvão, eu cheguei à conclusão que deveríamos chamar o Sr. Galotti Bayer para um “triálogo”. Desse encontro surgiu a ideia de criarmos um vínculo formal entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão, ligadas à agricultura num INSTITUTO. Cada uma delas continuaria com suas responsabilidades, mas as compartilhariam. Com isso pensávamos em quebrar o gelo entre os profissionais e curar as dores de cotovelo, e dar mais eficiência e eficácia aos pilares do progresso na Agricultura.

Estudei como funcionava o serviço público Agrícola nos EUA e na Austrália. Nos EUA, as universidades tinham um vínculo muito forte com o setor privado e também com o Ministério de Agricultura (USDA). Na Universidade da Flórida (UF), onde cursei o

doutorado, a inter-relação dos departamentos da UF e as instituições de pesquisa e extensão municipais, estaduais e federais eram muito fortes. Os técnicos dessas instituições, muitos deles prata da casa da Universidade, ligavam-se quase que espontaneamente aos seus antigos professores. A ligação era tanta, e tão presente que nós estudantes, não distinguíamos quem era da Universidade dos que não o eram. Muitos desses profissionais eram convidados a darem aulas, a acompanharem estudantes em viagens de campo.

A universidade tinha suas Estações Experimentais assim como as demais instituições. Projetos de pesquisa eram delineados em parceria. Os estudantes de qualquer fase no curso poderiam participar desses projetos, não obstante, obedecendo a uma exigente organização e disciplina. Embora a vinculação fosse formalizada pelos principais chefes das Instituições, havia um respeito mútuo muito grande, nos escalões inferiores (ou quase isso).

Outro conceito importante era o de estimular vínculos com outros países seja para difundir o modo de vida americano com fins menos nobres ou com objetivos de maior grandeza como programas para países em desenvolvimento. Nesse Programa intitulado “International Program” os alunos do exterior, como foi nosso caso, eram “doutrinados sobre princípios democráticos que fortaleciam o modo de viver cooperativo”. Tinha seus méritos por nesse local convivermos com estudantes do mundo todo. Fiz amizades com um boliviano que lecionava na Universidade de Caracas, Jorge Beltrán, outro que vinha de Camarões (um príncipe - David Mbah), um jovem da Eritrea, país que na época recém tinha desmembrado-se da Etiópia, de nome Assefaw Tewolde, e um sul vietnamita, Thang Quo Tran. Com exceção do príncipe, os demais não retornariam aos seus países de origem, infelizmente, aonde teriam tido uma participação muito importante, pela qualidade humana e profissional que já possuíam ou tinham adquirido.

É claro que não era um relógio suíço de perfeição. Vez ou outra percebia-se um ciumezinho aqui outro lá, mas não lembro de nada que comprometesse o serviço. Promoviam-se cursos de extensão, dias de campo que de tão bem organizados e levados a cabo eram motivos de publicações de muita repercussão. Para estes cursos eram chamados técnicos de estações experimentais e universidades de todo o País. Onde houvesse novidade de fácil aplicação e grande utilidade, ela era identificada e, ou, autor era prestigiado nesses cursos.

Também importante era a presença de políticos e personalidades internacionais, quando havia um evento mais relevante no País, tais personalidades eram chamadas a proferir palestras, em Instalações dos departamentos ou no auditório do Centro Acadêmico (UNION). Os seminários sempre reservavam espaço para discussões de relevância para a Ciência ou para a evolução da sociedade. Lembro-me de ter visto a participação de presidentes e ex-

presidentes, de líderes mundiais de causas ambientais, ou de anti-segregacionistas, ou inteligências da economia liberal assim como socialistas.

Muitas vezes essas palestras não tinham custo para as universidades, eram proporcionadas por ex-alunos muitos dos quais tinham filhos ou parentes como alunos da Instituição. A universidade era o carro chefe. Tal respeito, talvez decorresse da antiguidade, uma vez que uma grande proporção dos técnicos e produtores rurais, eram, ou tinham sido “GATORS” (abreviatura de aligátor, jacaré dos rios do Sul dos EUA, especialmente dos pântanos do Estado da Florida), apelido carinhoso dado aos alunos ou ex-alunos dessa Instituição e também aos jogadores de futebol Americano e extensivo aos atletas de outros esportes que defendem as cores da Universidade. Ou talvez ao bem planejado programa de divulgação dos feitos dos seus professores e alunos.

O sistema de ingresso nos cursos de pós-graduação era dividido em fases. Na primeira uma triagem era feita com base no desempenho em um “PRONEM”, para os estrangeiros era necessário terem tirado uma determinada nota mínima no TOEFL test.

Nunca estive na Austrália, no entanto muitos dos trabalhos sobre forrageiras cuja revisão usei para a minha tese de mestrado traziam uma referência ao CSIRO, a EMBRAPA de lá, onde também havia vez ou outra um destaque ou agradecimento para professores de universidades Australianas ou de outros países.

Assisti, não obstante, a alguns eventos onde os apresentadores eram australianos, ocasião em que pude obter boas informações sobre como as políticas agrícolas eram pensadas e executadas.

Li alguma coisa sobre o sistema do continente dos cangurus. Os técnicos dessas Instituições entrelaçam-se nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, mas já numa estrutura mais formal que nos EUA.

Pesquisadores lotados no CSIRO podem ser orientadores e co-orientadores de alunos das universidades. Professores participam de trabalhos de pesquisa e ou de extensão originados no CSIRO. Outros eventos nos quais tive oportunidade de me envolver ou de deles participar me alertaram para algumas ameaças e ou oportunidades, como dizem os articuladores dos planejamentos estratégicos. Exemplos bons que devem ser seguidos e exemplos ruins que devem ser colocados a nu e expurgados, foram ali revelados.

Como exemplos bons, lembro-me do entrosamento entre funcionários, alunos e professores no CCA. Em março de 1978, quando me transferi para Florianópolis, o CCA, então Centro Agropecuário, tinha apenas dois blocos. O que até hoje abriga a Biblioteca, o do andar de cima, onde estava a Direção e a sala dos professores, e no outro bloco estavam os

laboratórios e no andar de cima, as salas de aula. Entre os dois prédios, no andar térreo, uma sala para os estudantes e no andar de cima, a Coordenação do curso de Agronomia. Os professores ficavam todos alojados numa extensa sala, mas sem divisórias. Não havia muita tranquilidade para preparar aula, que acabava acontecendo na biblioteca ou na casa dos docentes, mas a harmonia e solidariedade entre eles era notória.

Conversas sobre os mais diversos assuntos, ligados ou não a suas específicas matérias havia, mas preocupação com um aluno que não estava acompanhando o ritmo dos demais, com a programação das viagens de estudo ou até quem gostaria de participar na montagem de um laboratório ou de uma consultoria, ou, ainda, qual o palpite da hora para o jogo do bicho ou para a loteria esportiva eram frequentes. Jogos de futebol no sábado entre professores, funcionários e estudantes aconteciam até em dias de chuva. Do reitor ao mais humilde funcionário havia empatia.

O coordenador do curso, prof. Cristóvão, conhecia todos os alunos pelo nome e acompanhava o desempenho de cada um aconselhando cada um para que tirasse o melhor proveito do curso. O diretor, Glauco Olinger, sempre ativo, não só organizava o trabalho dos funcionários como participava com grande elocução em grandes debates na universidade, assim como era assíduo volante nos jogos de futebol de salão, no CETRE. O reitor, Caspar Erich Stemmer, gostava do agora CCA, dava um jeito na sua agenda para passar pelo menos uma tarde por mês conosco, estimulando nossos projetos, e desafiando os alunos.

A estrutura da aquicultura no mangue já tinha condições de receber visitantes e vários acompanhavam a abertura de tanques ou a despesca de camarão. Às sextas-feiras, o CCA inteiro dirigia-se ao mangue para degustar tainhota e robalo, e uma sessão de piadas. As festas folclóricas eram prestigiadas e contavam com grande número das pessoas que ali trabalhavam e estudavam, como também seus familiares. A interação era tão boa que nas festas de aniversário dos filhos dos docentes havia participação da comunidade do CCA.

Com o passar do tempo e a necessidade da contratação de mais professores, houve a estratégia de buscar professores com mais titulação e experiência universitária. Também novos funcionários escolhidos pelo seu currículo, inclusive acadêmico, trouxe um avanço científico notável e foi um dos fatores importantes para a criação do PGA.

Por outro lado, as suas longas experiências universitárias devem ter trazido, também, alguns defeitos das antigas Instituições de onde vinham. Tais características começaram a prejudicar aquela harmonia e o entrosamento entre docentes, com e entre os funcionários e afetou até o bom relacionamento com e entre os acadêmicos. Com o passar do tempo, houve um apelo para que cada professor tivesse sua sala como acontecia nas melhores academias.

Os recursos da Universidade começaram a ser rateados entre os Departamentos e o Centro Agropecuário (CCA hoje) que tinha apenas um departamento ficava prejudicado nessa distribuição de verba.

A alta qualificação acadêmica dos que estavam chegando, dava-lhes autoridade para continuar trabalhos que já executavam nos seus anteriores redutos. Isso às vezes era incompatível com os interesses da Instituição, pois muitos recursos foram redirecionados para atendê-los, sem uma melhor avaliação, “mea culpa”.

A busca por aumentar o número de professores em dedicação exclusiva tinha o objetivo principal de agregar o maior número de docentes possível para fortalecer as linhas de pesquisa e com isso acelerar cursos de PG. Tal conceito, correto a princípio, trouxe uma pressão para que todos os docentes que não tinham o desejo de transformarem-se em professores DE, se demitissem. Isso criou um clima desfavorável contribuindo para dissensões muito prejudiciais e duradouras. Pois que, muitos deles, embora com significativa contribuição ao ensino pela experiência na profissão e por serem muito articulados e alguns até admirados pelos estudantes, sentiram-se constrangidos e deixaram o corpo docente. A direção não conseguiu impor um meio termo, embora tentasse.

Os departamentos e os grupos dentro dos departamentos, cada vez mais distantes e procurando defeitos nos antigos colegas, contribuiu para um distanciamento ainda maior. Muitos acreditavam que só a formação de grupos fortes e independentes poderiam dar corpo para um curso de PG sustentável. Professores que não seguissem essas regras sofriam discriminação.

Alguns departamentos conseguiram vencer essas dificuldades e criaram seu curso de PG, e foram buscar em outros Centros na UFSC e até na EPAGRI, condições para executar seus objetivos conseguindo sucesso até internacional. Eu louvava essas iniciativas, mas não estava completamente feliz com elas. Meu sonho era que o CCA como um todo resgatasse pelo menos parte daquela harmonia ancestral e viesse a se recompor na criação de uma pós-graduação interdisciplinar e sistêmica, que tivesse por objetivo a melhoria da qualidade não apenas do produto, mas principalmente da dignidade do produtor rural.

Na época já se falava muito em êxodo rural. Alguns autores e muitos atores, com pouco conhecimento da causa, advogavam como útil a saída do povo rural para as cidades. “Não há espaço para todos, no campo” alegavam. Não há lugar para ineficiências “Get big or Get out” era o adágio mais usado.

Eu não concordava com aquilo. Achava que era fundamental que nós da classe agrônômica encontrássemos saídas para aquela “saída em massa”. Eu olhava os relatórios dos

censos e via cada vez mais gente atulhando as cidades, que não tinham condições de dar vida digna a esses imigrantes. Então eu pensava que nosso futuro curso tinha que dar subsídios para os governantes planejarem e organizarem ações mais inteligentes e eficazes. Sendo assim, remexendo na memória, comecei a me lembrar de alguns antigos adágios que poderiam dar suporte a esse sonho, como também de conversas que tinha tido e situações em que me tinha metido.

Diversos contos e parábolas são muito úteis na formação do caráter das pessoas e também dos cursos que se quer criar.

Uma parábola, que traz muita sabedoria é a do menino do velho e do burro. Um velho e um menino, a pé, transitavam por uma rua puxando um burro. Ao passarem pela frente de uma venda uma pessoa os faz parar e pergunta. Por que não bota o menino montado no burro?-" *A criança já está cansada, não vê seu velhote aproveitador*". O velhote ergue o menino no lombo do burro e continuam a caminhada, mais à frente encontram uma senhora já de certa idade que observa a cena brada: - "*Mas que barbaridade, um menino ativo em cima do burro e um velhote cansado puxando....* O idoso, sobe no burro e continua a trajetória com o menino à sua frente. Ao passarem por um bar onde jovens adeptos da etologia tomavam cerveja, advertem: *Não é possível que essa gente não tenha pena dos animais. Dois marmanjos sacrificando um burro?*"

Outra parábola que gosto muito diz o seguinte:

Duas ratazanas famintas na tentativa de matarem o que lhes matava caem numa vasilha de leite. Ambas se apavoram. Uma delas nada para ver se há algum escape, enquanto a outra se empanturra com o leite. A pançuda pesada acaba afundando e morre, enquanto a outra, com o agito do leite pelas braçadas e pelo esforço da agora afogada, o vê transformar-se em manteiga mais espessa que o leite e as bordas da vasilha respingadas de leite e manteiga tornando-se ásperas e lhe permite a fuga.

A próxima aprendi ainda quando se estudava latim, na primeira série do ginásio, hoje sexta série do ensino fundamental, creio, conta que:

Um cordeiro estava saciando sua sede num córrego quando, na outra margem e rio acima aproximou-se um lobo para fazer o mesmo. Ao avistar o imberbe lanígero, o lobo já salivando, pergunta: "*-por que sujais minha água?*"

- "*O senhor está enganado, estou na outra margem e abaixo do senhor no rio, não estou?*"

- "*de qualquer maneira se não foi você foi seu pai que um dia sujou minha água*" argumentou o lobo e projetou-se sobre o cordeiro comendo-o.

Ainda outra muito oportuna fala sobre um pedido de um escorpião para um sapo:

Precisando atravessar um riacho, um escorpião encontra um sapo e lhe pede uma carona. O sapo não concorda porque sabe do risco que corre com o escorpião, mas dada a insistência e o argumento do escorpião de que não lhe poderia fazer mal, pois se assim acontecesse ambos morreriam. O sapo concordou.

O escorpião acomodou-se nas costas do batráquio e iniciaram a travessia. A conversa estava animada até que sem nada que o aticasse, o escorpião injetou seu veneno no sapo. Surpreso e arrependido o sapo pergunta. “- *Por que ? Não vê ambos vamos morrer*”.

-“*Sim, diz o escorpião, lamento é a minha natureza*”.

A estória seguinte deve merecer muita atenção dos planejadores e gestores de ensino em qualquer nível. Diz ela o seguinte: um empresário americano, vestido de calça branca, chapéu panamá, camisa de uma cor chamativa, muito rico, mas já septuagenário, que estava em visita a uma das praias mais sofisticadas do Nordeste. Acompanhava o trabalho dos jangadeiros, percebia neles uma alegria não compatível com as frágeis jangadas e com as velhas e desequipadas cabanas em que viviam, mas paradoxalmente havia alegria nos seus rostos.

Incomodado com esse estilo de vida e vendo que poderia dar uns bons conselhos a eles, aproximou-se de um deles de meia idade, mas já exibindo as marcas do vento no rosto enrugado e iniciou uma conversa perguntando:

-*Você deve ser um dos líderes aqui, dos pescadores, não é?*

- *Sim*”, respondeu o marujo... com o olhar distante.

- *Quantas embarcações você tem?* Continuava o inquirente.

- *Uma...* respondeu laconicamente o pescador sem se mexer.

- *Quantos peixes você consegue pescar?*

- *Depende do tempo, da sorte,...*

- *Se você tivesse duas jangadas não conseguiria pescar mais?*

-*Sim...*

-*Eu garanto que com duas jangadas você conseguiria pescar mais peixes e com isso você conseguiria adquirir outras jangadas que lhe renderiam mais peixes, que lhe permitiriam quem sabe em pouco tempo ter uma frota pesqueira com muitos empregados e muito dinheiro.*

- *E depois?* Pergunta o jangadeiro, sem muito entusiasmo.

- *Depois, responde o vitorioso empresário, depois, com todo esse dinheiro você pode viajar e vir inclusive para cá, desfrutar da sua riqueza, assim como eu estou fazendo...*

Virando-se para o estrangeiro, e o encarando com um ar irônico, completa o pescador:

- “Senhor, olho esse marzão todo o dia, sentado nesse toco de coqueiro, vou para o mar quando ele me mostra que tem peixe. *Como o peixe, com pirão de macaxeira e tomo água de coco que também dá a gordura para minha mulher cozinhar. Então, para que vou me estressar se já tenho, desde menino, o que o senhor levou toda a vida para chegar aqui do meu lado?*”

Outra figura sugestiva é a da disputa de duas mulas para um fardo de feno que está no meio delas. Cada qual puxando para o seu lado na tentativa de arrastar a adversária e comer todo o fardo. Cansadas de tanto esforço chegam à conclusão que se continuassem na batalha morreriam de fome. Entram num acordo e ambas voltam ao fardo e o comem em parceria.

Concluí eu: precisamos então de mestres e ou doutores que tenham humildade em reconhecer que seu conhecimento nunca é o bastante, tenham paciência e resiliência ao encarar desafios, sabedoria em tirar da opinião dos outros aquilo que ser-lhes-á útil, dose de esperteza em não confiar cegamente na opinião dos outros e em cantos de sereias hipnotizantes.

Lembrei-me de diversas pessoas que com seu talento e seu esforço poderiam ser exemplos a serem seguidos.

Professor Luiz Carlos Pinheiro Machado, um lutador pela dignidade e reconhecimento da classe de engenheiro agrônomo, leitor assíduo das publicações científicas e de muitas ficções que se tornaram realidade, foi um deles.

Batalhou e convenceu técnicos e políticos catarinenses que deveriam mudar para a seleção de porcos que convertessem melhor o alimento em carne e que tivessem carne magra na carcaça para agregar mais valor ao produto carne e subprodutos já muito conhecidos na agricultura familiar e, pensava ele, melhorar a saúde do colono pois carne magra é mais saudável que a gorda (diziam os resultados de pesquisa dos laboratórios da época, interessados se sabe bem em que).

Escreveu e deu muitos conselhos a seus estudantes sobre o poder das indústrias de insumos agrícolas sobre os agricultores. Mostrou que muitas delas aprisionam o homem do campo por oferecerem produtividade maior, porém, maior dependência a: agrotóxicos, adubos e corretivos caros e com riscos à saúde.

Incentivou a agricultura sem venenos e trouxe muita tecnologia pouco difundida por aqui e no exterior por confrontar interesses da Indústria de insumos de países desenvolvidos. Conheceu pessoalmente e aperfeiçoou métodos de aproveitamento de pastagens desenvolvidos pelo sábio Francês André Voisin. Apostou na importância da Etologia aplicada à zootecnia, sendo o primeiro professor do assunto no Sul do Brasil e também, quando

presidente da EMBRAPA, garantiu recursos para a vinda de pesquisadores internacionais para estimularem o desenvolvimento dessa matéria na UFSC e no Brasil.

Reconheceu a importância do resgate de animais e plantas em risco de extinção e deu enorme apoio ao CENARGEN, em Brasília, e apoiou diretamente que o Gado Crioulo Lageano fosse estudado e protegido.

Seu pensamento crítico e suas manifestações calorosas às vezes conduzia a discordâncias com pessoas de boa índole, mas que também acreditavam firmemente nas próprias concepções que se contrapunham, às vezes ao que o mestre propunha, e às vezes criavam-se discordâncias perpétuas. Mas, era um professor muito atento e não deixava ninguém sem resposta, mesmo que fosse um “não sei ainda”.

Professor Fernando Irajá Felix de Carvalho acreditava no poder da universidade na solução dos problemas da sociedade. E mais ainda no fato de que isso só era possível com o engajamento total do professor na sua missão, porém, muito autêntico e de forte personalidade, às vezes contrariava outras visões e criava discordâncias também muito fortes, mas foi quem deu as primeiras diretrizes para o curso de PG em Recursos Genéticos e formou muitos dos pesquisadores que ainda labutam na UFSC e também em outros campos. Muito amigo do presidente da Acaresc, Genésio Mazon, de quem conseguiu uma interação importante, propôs a criação de uma fundação onde participariam entidades das agroindústrias, cooperativas, o governo do Estado e a Universidade, no sentido de se desenvolverem espécies de plantas mais produtivas e maior rentabilidade para o agricultor. À Universidade caberia o delineamento dos experimentos para testar variedades e a possibilidade de estágios para os estudantes e visitas em viagens de estudos.

Infelizmente essa iniciativa, embora louvável, não prosperou, em parte porque o professor precisou transferir-se para atender saúde de familiares e não mais voltou. Mas continuou de longe olhando para os professores que ajudou a formar.

Professor Ademir Reis, professor de Botânica para nossos alunos de graduação, teve a ideia de propor um projeto de pesquisa sobre resgate do patrimônio vegetal do Estado de Santa Catarina. Recurso esse que estava sendo depauperado pela extração descontrolada dos recursos madeireiros.

Eu era o diretor e o Professor Mário Luiz Vincenzi, de quem me referirei daqui há pouco, vice diretor. Achávamos que nossos professores da área vegetal tinham que estar dentro disso e que talvez propusessem que esse projeto também contemplasse frutíferas vegetais, pensando no pinhão, na goiaba serrana, e em diversas saborosas mirtáceas que nossa mata nativa abrigava. Falei com os professores Miguel Pedro Guerra e Rubens Onofre

Nodari, e eles gostaram do plano. Os introduzi ao professor Ademir e graças a Deus e à dedicação e entusiasmo desses docentes, esse projeto deu tão certo, que dessa interação e de outras ações surgiu o curso de pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais.

Dr. Don Hargrove, não obstante ter muito pouco contato com a UFSC, aqui esteve por duas vezes, como palestrante teve uma enorme influência no meu modo de ver a universidade e portanto também o curso de PG. Era um dos responsáveis pela implantação do curso de PG em Agronomia na UFRGS. Participava do convênio MEC-USAID e muito jovem ainda, aos 27 anos, já assumia um cargo de muita relevância. Mostrou-nos como é importante fazer o estudante perceber que é o maior responsável pela sua formação.

Sabia como ninguém desafiar-nos, pois foi meu professor de melhoramento genético animal (falando um português meio atravessado, mas com dois meses de Brasil, já tinha essa capacidade). Uma disciplina essencialmente específica, mas ele soube introduzi-la no contexto do curso com muita propriedade e com muito entusiasmo.

Fazia perguntas que exigiam muita reflexão, por exemplo, o que seria melhor para a sociedade? - Melhorar espécies adaptadas ou adaptar espécies melhoradas. Deixou que cada um se manifestasse e depois disse que queria uma resposta por escrito depois de uma viagem que nos convidou a acompanhá-lo, no próprio carrão (Impala 69).

Esta viagem de estudos era para a fazenda do Sr. Antonio Camargo, em Ponte Alta, SC, e para outra fazenda, em Lages, SC, de um famoso criador de gado Charolês, ex-adido cultural do Brasil na Inglaterra, que na época já tinha uma central de inseminação artificial, e muitas inovações tecnológicas. Depois dessas visitas, no jantar, ele repetiu a pergunta que tinha feito em sala de aula. E nos ajudou a perceber que a natureza que adaptou plantas e animais não deveria ser mudada, a não ser que houvesse razões muito fortes para tanto. Um gado que tinha sofrido 400 anos de seleção natural no ambiente da serra Catarinense não deveria ser desprezado e trocado por outro vindo de regiões de solos e clima muito diferentes. Entrei no magistério e fui cursar o doutorado graças a seu apoio e seus conselhos.

Engenheiro Agrônomo José Cândido Leal, nosso professor de plantas de lavoura, na graduação tinha tiradas memoráveis. Uma delas, quando em visita a uma lavoura de arroz, nos chamou a atenção ao subir num barranco para empoderar-se e disse em alto e bom som - **Nós profissionais do campo, para podermos ajudar a agricultura, antes, TEMOS QUE APREENDER A LER O LIVRO ABERTO DA NATUREZA.**

Meu tio e padrinho, coincidentemente tinha sido colega de turma do Prof. Leal e o tinha em alta conta desde então. Affonso Maximiliano Ribeiro, também um filósofo do campo

e da vida, notou meu interesse pelas coisas rurais e me ensinou muito sobre a Agronomia antes mesmo de eu tomar a decisão de seguir a mesma carreira dele.

Durante o curso de graduação ele me convidou a estagiar na sua fazenda onde estava sendo montado um projeto de pesquisa para avaliar a potencialidade dos solos da região para o estabelecimento de forrageiras de clima temperado. Não dá para medir meu entusiasmo em participar daquela experiência.

Quando concluí a graduação, eu estava disposto, mesmo a voltar para a fazenda, mas ele percebeu que eu ainda não estava maduro para a vida profissional. Achava que se eu cursasse o mestrado seria bom para minha formação e melhor para a cidade que estava transformando seu Posto Agropecuário para fomento de raças europeias importadas de lá, em uma estação experimental onde, sonhava ele, eu teria grandes chances de conseguir uma vaga, com o título de mestre. Essa oportunidade surgiu, fiz concurso para o ministério da agricultura, junto com outros colegas que tinham se saído brilhantemente nos seus mestrados como Ibanor Anghinoni na área de solos, Nilton Rodrigues Paim, na área de genética de forrageiras, Mário Vincenzi na área de manejo de forrageiras. Dei a ideia ao meu tio que agora era o Diretor da Estação Experimental para montar um time jovem e com muita vontade para liderar o melhoramento da pecuária no Estado, dada a estrutura que a Estação tinha e outro dado muito importante, estava em gestação a criação de uma faculdade de Agronomia e Veterinária na cidade. Chegamos a conclusão que nossa turma deveria participar do corpo docente e também do Ministério. Seria um embrião para largos passos na nossa carreira e para futuros voos ainda mais altos.

A ideia foi muito bem recebida pelo então superintendente da agricultura para a região sul do Brasil, sediada em Pelotas, RS, Dr. Barachuy, que muito mais tarde veio ocupar uma função importante cá na EPAGRI e nos encheu de expectativas.

Quando já estávamos de malas prontas para Lages, recebemos a notícia que aquele superintendente tinha mudado de planos e dado prioridade para a estação de Caçador. A frustração foi grande e o Dr. Affonso abateu-se de tal maneira que abandonaria o serviço público, não fosse a insistência de seus colegas que ali se mantivessem. Mas perdeu o elã. E nós voltamos a Porto Alegre com muita tristeza.

Como prêmio de consolação, Dr. Barachuy me convidou para ficar em Porto Alegre fazendo registro genealógico em cooperação com Ministério e a Universidade. Mas eu não acreditava que tivesse vocação para o ensino, pois tinha muita timidez para falar em público, e Dr. Hargrove não deixou que eu desperdiçasse uma oportunidade de também ser professor. Você não gosta de ajudar seus colegas, não é curioso, não gosta de ler? Então levante essa

cabeça que ninguém é melhor nem pior que você. Para superar seus concorrentes basta preparar-se. Emprestou-me alguns livros, treinou-me para preparar apresentações em público e me disse: agora vá em frente.

E aqui estou eu. O Dr. Hargrove também dizia que era importante realizar trabalhos de pesquisas nas fazendas, mas não use propriedades privadas rurais quando esses trabalhos envolverem alguns tratamentos que poderão resultar em prejuízo. Então é primordial que a Universidade tenha sua própria fazenda experimental. Com isso também concordavam os demais professores ávidos por colocarem em teste as ideias que tinham.

Procurei sem sucesso, áreas que pertencessem a União e que poderiam ser anexadas à UFSC, foi muita tentativa e nenhum sucesso, até que um dia, encontrei-me com um amigo de meu pai, que estava residindo em Florianópolis, ele contou-me que havia arrendado uma área anexa ao aeroporto e lá estava criando búfalos.

Interessei-me de imediato e sem mostrar minha vibração fui conhecer a área. Era quase duzentos hectares de planície, dentro da Ilha. Tão pronto cheguei em Florianópolis contatei o reitor, prof. Ernani Bayer, que ficou estupefato em ter uma área dessa magnitude, ociosa.

Minha tia, Terezinha Ribas Amaral, era casada com um político que na época ocupava um cargo no banco do estado de Santa Catarina e era muito próximo do Governador, Jorge Konder Bornhausen. Contei a ele o que tinha visto e disse que seria uma pena aquela área ser destinada a uma exploração privada, quando muitos catarinenses precisavam que seus filhos, universitários tivessem mais experiência de campo, do que apenas através de audiovisuais ou de viagens e estágios em propriedades alheias onde não era admitido errar.

Ele convenceu-se disso e levou o assunto ao Governador e marcamos um encontro com o reitor. Dias depois a área estava cedida em comodato e antes do final do mandato do governador, cedida em definitivo à UFSC. Eu achava que grande parte da aspiração dos pesquisadores já estava contemplada, mas outros eventos prejudicaram que isso acontecesse, o que só veio a surgir quando, seis anos mais tarde, a nova direção do Centro, agora encabeçada pelo professor Mário Luiz Vincenzi, do qual vou fazer alguns comentários a seguir.

Ele, meu colega, amigo e compadre, muito contribuiu para nossa visão de um curso de pós-graduação eclético. Muito humilde, não acredita no muito que fez para que o CCA tivesse tamanha repercussão nas áreas em que trabalhou. Na qualidade de diretor do CCA, viabilizou a Fazenda Experimental da Ressacada, conseguindo diversas vitórias na obtenção de recursos para que ela pudesse ser artífice das aulas práticas e de projetos de pesquisa e extensão.

Junto com o professor Antônio Carlos Machado da Rosa coordenaram à campo, em Rio do Sul, uma ação de ajuda humanitária da UFSC aos flagelados pelas enchentes. Nessa ação, pudemos aquilatar o grau de exploração que os agricultores estavam sendo vítimas pelos bancos e comércio e indústrias de insumos e o quanto os agricultores estavam comprometendo sua saúde nas lavouras de fumo, principalmente com a falta de conhecimento que demonstravam no manuseio de agrotóxicos.

Essa foi mais uma escola que frequentamos e onde aprendemos que se a Universidade se voltasse mais para aquilo que motivava os acadêmicos, mais ela estaria cumprindo seu papel. O desânimo e a frustração dos estudantes era tal, na época, que muitos estavam enveredando para as drogas. Pois não se motivavam com o modelo de aula e de organização do ensino.

No entanto, o que se viu no Alto Vale foi surpreendente e animador. A juventude percebendo que poderia ter, ainda enquanto estudantes, um papel importante para a sociedade, e mudaram completamente de atitude. Via-se brilho nos olhos deles e uma vontade imensa de contribuir. Deram-se em conta em tão de que os professores em vez de serem os ativos deveriam passar a ser mais orientadores e menos capitães.

O sucesso da ação foi tanto que antes essa ação era para ter a participação dos alunos das duas últimas fases, mas uma semana depois do início das atividades no alto vale não só os alunos das demais fases da Agronomia, mas os de diversos outros cursos, como enfermagem, sociologia, direito, estavam animados para participarem desse trabalho.

Ao final dessa ação, houve uma reunião de avaliação com a participação das comunidades atendidas. Esse evento teve que acontecer num estádio de futebol tal o número de participantes. A Universidade tinha dado um grande passo para envolver-se com a comunidade. Eu me convenci que não poderíamos, na volta, continuar como se nada tivesse acontecido. Meu mandato de diretor estava no fim e para minha tristeza aquela experiência não tinha sido levada a sério por quem tinha a obrigação de estudá-la e repetí-la. Apenas os estudantes, no seu Centro Acadêmico, continuaram organizando estágios para que os alunos convivessem com os agricultores e soubessem de que não apenas ciência biológica era necessária, mas também a convivência com seus futuros usuários era fundamental.

Voltando à trajetória do prof. Mário Vincenzi, quatro anos após o término do projeto, estava ele na qualidade de Diretor do CCA, e queria resgatar aquele trabalho, de uma maneira institucional, porém o comodismo de muitos os compromissos pessoais de outros tantos permitiu apenas que se criasse e com muitos méritos, o Estágio de Vivência como disciplina curricular e obrigatória, disciplina essa que foi depois de algumas experiências de nem tanto

sucesso destinado ao professor José Carlos Fiad Padilha, que muito organizado e carismático, conseguia não apenas conduzir e orientar os alunos, como também as comunidades que os recebiam.

O prof. Mário contribuiu também para que seus colegas e amigos se tornassem melhores professores. Nos convenceu a participar de um projeto chamado “**produção coletiva e intensiva de leite a base de pasto em condomínios rurais**”, onde os estudantes, com bolsa de trabalho ou de pesquisa ou extensão, ou em estágio de conclusão de curso, planejavam a atividade leiteira, “do pasto ao prato” junto com o professor e os agricultores. Tenho certeza de que todos que participaram desse projeto vão se lembrar com saudade.

Nas conversas que amiúde mantínhamos sempre algum aprendizado surgia. Numa crise de professores e alunos, onde até greve houve, a intervenção dele foi fundamental. “**A gente não tem que empurrar goela a baixo o conhecimento, nós antes de tudo precisamos saber o que o estudante espera da gente e nos perguntarmos como podemos nos preparar para atender essa expectativa, e o que realmente interessa à sociedade que eles apreendam**”.

“Então gente, entusiasmo, preparo e confiança nos seus alunos e todo o mundo sairá feliz” concluiu ele, e a greve se esmoreceu assim como o que a motivou.

O professor Antônio Carlos Machado da Rosa, Rosa como os alunos o gostam de chamar, foi e ainda é, outra personalidade que muito me ajudou e ajuda a refletir sobre a ciência e sobre as suas interações com a vida. Leitor assíduo de praticamente tudo, sintetiza o que lê e aproveita nas suas aulas. Absorveu o entusiasmo da experiência do Alto Vale e o aplicou em diversos momentos. Foi convidado pelo governo do Estado a coordenar o aperfeiçoamento e o credenciamento dos professores das escolas agrícolas, nas décadas de 1980 a 1990 e também de um programa de extensão da UFSC junto a comunidades rurais do Nordeste Brasileiro. Nesta última ação, deu continuidade ao que realizamos nas enchentes de 1983, tendo levado muitos estudantes do CCA, do CED e de outros departamentos da UFSC, a experimentarem a convivência com gente sofrida, mas aguerrida daquele canto do País e a também reacenderem os olhos para necessidade de mudanças de política de governo para políticas de Estado.

Seu desafio por último tem sido o de refletir sobre as necessidades ou não de produção de alimentos em escala no campo: “**o que é melhor...Altas produções e produtividades concentradas ou produções intermediárias e bem distribuídas ao longo do País?** Pergunta ele até hoje.

O professor Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho também participou daquele evento histórico do Ato Vale do Itajaí e lá demonstrou uma garra extraordinária em liderar o grupo de estudantes e professores que se deslocaram para a região de Petrolândia. Em função dessa particularidade sua, o chamei para me ajudar a secretariar um congresso nacional, do qual eu era o presidente. O ano era 1984 e o congresso realizar-se-ia em Camboriú no ano seguinte. Fiquei com a parte política e ele com a administrativa.

Tínhamos poucos recursos para realizar a Reunião da Sociedade Brasileira de Zootecnia, mas com muita vontade e liderança da parte dele, conseguimos conquistar muitos estudantes, que de forma voluntária contribuíram decisivamente para o sucesso daquele evento.

Introduzimos diversas inovações, como a maior participação dos coordenadores das sessões, ao receberem antecipadamente os trabalhos para exame e apresentarem sua crítica ao final de cada sessão e com a presença importante de agricultores e pecuarista trazendo inovações desenvolvidas por eles ou em parceria com instituições de extensão rural.

Mais tarde, o atual professor Sérgio Augusto Ferreira de Quadros, mas na época mestre em zootecnia e gerente do Hotel Maria do Mar, veio me procurar para saber se haveria um espaço para ele contribuir com nosso departamento de zootecnia, uma vez que ele não estava à vontade sem poder exercer, na prática o que tinha adquirido nos cursos de que participara. Não havia bolsa, nem vaga, mas mesmo assim, voluntariamente ofereceu-se para trabalhar ao meu lado.

Foi uma “mão na roda” para mim e para o curso de graduação, pois logo conseguimos uma bolsa de pesquisa. Convidei-o a participar das minhas aulas e das viagens de estudo. Aí percebi a vocação que o jovem voluntário tinha. Um carisma todo especial para lidar com os estudantes. Ao ser chamado para dar uma aula em meu lugar, vi quem seria meu sucessor. Suas aulas eram melhores que as minhas. Fiquei tranquilo então em prosseguir minhas missões na chefia do Departamento e nas tratativas para a criação do curso de PG. Tendo guardado com muito cuidado todos esses ensinamentos, eu me sentia preparado para enfrentar mais um desafio: o de ajudar a criar um curso de PG.

Por ato do sr. Governador, Vilson Kleinubing, o serviço de extensão rural comandado pela ACARESC, foi fundido com a pesquisa pública, encabeçada pela EMPASC. Formando a EPAGRI. Com o passar do tempo e os recursos federais, que antes eram abundantes, o que junto com uma gestão muito eficaz e responsável das diretorias tornou ambas as instituições, referências nacionais. E agora, depois da fusão, minguaram a um ponto em que novas contratações só após um amplo programa de demissões incentivadas. Assim, o quadro de

pessoal também aplequenou-se e os cursos de pós-graduação que seus funcionários mais jovens eram incentivados a perseguir, tornou-se também com dificuldades de aperfeiçoamento.

Nós do departamento de zootecnia, estávamos em conversa com professores de outros departamentos, inclusive dos de fora do CCA para compor um quadro mínimo para dar conta das futuras orientações e de um conjunto ótimo de disciplinas que dessem ao curso uma visibilidade que justificasse os seus objetivos. Resolvemos procurar o professor Cristóvão que tinha tido um papel tão relevante na criação do curso de Agronomia e também na fundação da ACARESC, e procurar sentir dele se a EPAGRI estava preparada a aceitar um projeto de Pós-Graduação, onde também eles não só seriam demandantes como também protagonistas. O Cristóvão gostou da proposta e a levou ao conhecimento da EPAGRI. O Engenheiro Agrônomo Roque Kreuz foi designado para participar das tratativas burocráticas para a criação de um curso que seria voltado para a “sustentabilidade” da agricultura familiar com o objetivo de preparar funcionários daquela Instituição e também contribuir para a formação de outros pesquisadores, professores e profissionais liberais a entenderem de uma maneira sistêmica e integradora os conceitos modernos de produção agrícola com proteção ambiental. O departamento de Engenharia Rural (ENR) e Ciências do solo também estava na busca de prováveis futuros professores na Epagri para o mesmo propósito.

Não lembro se foi por ação do diretor do CCA, professor Luiz Oswaldo Coelho, a quem muito admiro pelo espírito democrático e sempre bem humorado ou por catalise da diretoria da EPAGRI, o fato é que pouco tempo depois, as duas comissões estavam trabalhando juntas para criar o curso. Professores do departamento de fitotecnia, como Alfredo Celso Fantini, também deram suas contribuições e tinham suas opiniões valiosas. Os objetivos eram muito semelhantes, mas havia algumas dificuldades em encontrar consenso em poucos, mas fundamentais tópicos. Inclusive o título do curso. Debates acalorados do lado do nosso departamento, o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado e de parte do ENR, os professores Luiz Renato D’Agostini, Darci Odílio Paul Trebien e Sandro Luis Schlindwein. Argumentos de muito fundamento de ambas as partes e de todos os envolvidos, o que dificultava o convencimento.

Um acontecimento, porém, fez com que parássemos com “os entretantos e chegássemos aos finais” parodiando Dr. Odorico Paraguassu, prefeito de Sucupira, personagem de uma famosa novela da Globo “o Bem Amado” de inícios de 1980.

Havia uma data final para que o projeto do curso ficasse pronto, finalmente concessões de lado a lado e por fim a obra estava em condições de ser submetida aos órgãos superiores

para sua aprovação. Conquistado esse feito, era importante escolher o primeiro Coordenador do Curso. O nome do professor Sandro Luis Schlindwein foi o escolhido por aclamação. O professor Sandro tratou o curso com muita disciplina, organização e dedicação. Cobrava com muita energia os prazos exigidos pela pró-reitoria de pesquisa e pela CAPES, para o curso fazer jus ao maior número de bolsas possível. Encerrado seu mandato, que foi de 1995 a 1997, assume o prof. Paulo Emilio Lovato (1997 a 1999), a profa. Maria Terezinha Sangoi Padilha (1999 a 2001) e depois o prof. Luiz Renato D'Agostini, como coordenador e eu como seu vice (2001 a 2002).

Prof. D'Agostini, muito erudito e filósofo das coisas da Agronomia e das ciências ambientais, leitor de Edgar Morin, filósofo, antropólogo, sociólogo e amante da humanidade, a quem sempre se valia para ilustrar seus argumentos, nos colocou elementos para reavaliarmos a importância do pensamento positivista nas metodologias científicas, de analisarmos como o pensamento complexo exige mais de nossas mentes mas nos permite enxergar que a soma das partes não necessariamente é o todo, e a necessidade de incluirmos essas discussões no curso. Teve como auxiliares nessa reflexão os professores Trebien e Sandro. Este último teve uma importante missão pois, por sugestão dele mesmo era importante criar uma revista para cristalizar os trabalhos de dissertação de mestrado. Trabalho em que se envolveu diuturnamente através dos anos em que estive na ativa, e o exerceu com brilhantismo.

No decorrer do mandato, no entanto, professor D'Agostini encontrou algumas dificuldades de ordem pessoal, creio que de saúde na família e na dificuldade de superá-los, convidou-me para substituí-lo. Minha missão primeira foi a de trazer para a secretaria, lugar que estava vago e criando obstáculos para o normal funcionamento do curso, uma pessoa talhada para o cargo. Precisava ter paciência com os estudantes, e os professores, simpatia para ouvir, firmeza para evitar que eles se perdessem nos prazos, muita capacidade para secretariar as reuniões do colegiado do curso e sintetizar atas muito complicadas às vezes por causa de diálogos, as vezes ásperos entre professores. Teria também que preencher os entediantes, mas necessários relatórios para os órgãos superiores.

Encontrei uma pessoa talhada para o Cargo, a Bibliotecária Marlene Silveira. Não fosse por ela eu não conseguiria fazer nada, pois teria que pensar no curso e também nas atividades burocráticas. Como tivesse sido secretária de Centro e tivesse ocupado outros cargos na alta burocracia da UFSC, conhecia bem os caminhos e facilitava muito meu trabalho. Ela, porém, tinha o objetivo exercer a profissão a que tinha se formado e por isso ficou apenas um ano, se não me falha a memória. Foi substituída por outra efficientíssima

funcionária, a Janete Guenka Yonamine. Por quem também dedico minhas homenagens por ter sido tudo o que a Marlene fora e além disso ainda muito amiga da minha família.

Também notei que os alunos precisavam dirigir-se a outros cursos para poderem realizar as análises estatísticas e, ou, metodológicas que seus trabalhos exigiam. Consegui com o apoio do Pró-reitor Álvaro Prata uma vaga de professor temporário para cobrir a lacuna que tinha em relação às análises metodológicas (análises qualitativas) relacionadas aos trabalhos dos alunos. Assumi a função a Dra. Karen Karam. Eu já não lembrava o nome dela, mas consultei o professor Ademir Cazella, que rapidamente lembrou seu nome. O prof. Cazella foi um apoiador da contratação desta competente ajuda.

Na EPAGRI, trabalhando no planejamento e nos testes estatísticos ligados ao cadastramento das propriedades rurais, o Engenheiro Agrônomo, Doutor em Estatística, Antônio Ghidoni, foi a pessoa certa para preencher o vácuo na área da Estatística.

Percebi também que os planos para os objetivos fins do curso precisavam, na minha opinião, serem revistos pois ao invés de exercermos a interdisciplinaridade estávamos marchando para trabalhos individuais pautados mais pelo interesse dos estudantes, ou de seus mestres que por interesse da Instituição.

Um professor que recentemente estava nos quadros do Departamento de zootecnia e desenvolvimento rural chamado de Abdon Luiz Schmitt Filho, trouxe consigo do seu doutorado, uma importante novidade, o pagamento por serviços ambientais, e os custos que deveriam ser computados na exploração das áreas rurais.

Com muita originalidade propôs que nos nossos trabalhos de pesquisa olhássemos não apenas o assunto no qual originalmente estávamos focados, mas déssemos atenção ao entorno tratando de descobrir não apenas os impactos colaterais, mas o que mais o ambiente no qual estávamos inseridos poderia oferecer para garantir mais renda sem ofendê-lo.

Não vou criticar a qualidade dos trabalhos dos alunos da pós da época, reconheço que a maioria deles merece aplausos, mas infelizmente não mantinham muita relação uns com os outros, como no início do curso desejávamos. Propus então, um planejamento estratégico, na expectativa de chegarmos a um consenso sobre quais temas deveriam merecer prioridade e como poderíamos abordá-los sistematicamente, conforme o propósito do nosso curso.

A reunião aconteceu, porém, verifiquei que os professores já tinham muitas tarefas nos seus planos de trabalho departamentais e qualquer nova atividade tinha que ser pelo sacrifício das que já estavam em andamento e, ou, talvez por outras razões menos nobres.

Para esse intento, infelizmente, não obtive êxito, embora os debates fossem muito positivos e devem ter dado frutos com o passar do tempo. Infelizmente não pude mais

acompanhar a trajetória do curso, pois precisei aposentar-me, logo ao final da gestão complementar para acudir problemas familiares.

Também não tive o tempo suficiente para convencer os professores a reconsiderarem o sistema de avaliação para o ingresso dos mestrandos. Considerava eu e mantenho essa convicção de que a opinião dos professores orientadores precisa ter mais peso na escolha dos candidatos. Muitas vezes o conhecimento prévio dos mesmos vai dar mais segurança e garantias de que o trabalho será levado à cabo. Caso assim o façamos, vamos arriscar menos com abandonos eventuais.

Outro aspecto que coloco para consideração é o de que a escolha de um problema com real prioridade deveria merecer a máxima atenção pelo curso. Na minha época, de gestor universitário o tema Agricultura Familiar, ameaças e oportunidades, mereceria grau 1 de prioridade. A questão dos povos indígenas quilombolas e dos discriminados em sub moradias urbanas e sua inserção na sociedade moderna com ênfase na área rural também merecem consideração. Outros temas que poderiam ser decorrentes desses como por exemplo: Agricultura familiar e a energia, Agricultura familiar e a água, Agricultura familiar e a questão das heranças, A questão do envelhecimento na atividade rural. A interação entre culturas para a otimização da renda e da satisfação dos atores. A indústria rural no contexto das cadeias alimentares. O estudo do comportamento dos animais e de seus proprietários para a otimização da atividade pecuária. Os vários tipos de associação para aumentar a escala de produção e redução de custos. As inter-relações entre as pequenas e médias cidades e a agricultura familiar. A intermediação e como minorar a sua participação para diminuir os elos da cadeia alimentar. O destino dos dejetos dos animais na agricultura familiar. Sugestões para diminuir o impacto dos custos para certificar produtos da Agricultura familiar. A questão da escala da produção para diminuir custos e buscar oportunidades. Plantas nativas e seu uso na agricultura familiar no intuito de proteger o bioma e auferir renda. Manejo animal para diminuir o efeito estufa na pecuária. O que é melhor “Alta produtividade em pequenas áreas ou produtividade adequada ao ambiente e a capacidade de trabalho dos camponeses”.

Além disso, o conhecimento das vocações dos acadêmicos leva tempo e talvez o interesse do aluno não tenha a alta prioridade para o curso que o candidato presuma. Seminários com a participação de pessoas desafiadoras, de qualquer opção ideológica deveria ser incentivada. Contatos com a reitoria deveriam ser frequentes no sentido de aproveitar visitas de personalidades da política, da ciência e da cultura para organizar debates com os estudantes, mesmo que de forma virtual.

Espaço para que os acadêmicos também debatessem seus assuntos e questões relacionadas a dar mais qualidade ao curso ou a temas da atualidade deveriam ser estimuladas. A participação dos ex-alunos (egressos) deveria ser uma questão prioritária. Eles, com certeza, têm muito a contribuir e também muito provavelmente, creio que estarão à disposição para ajudar, se demandados forem.

A Universidade não pode se isentar de buscar soluções emergentes de problemas da sociedade. Na pandemia, deveria proporcionar encontros virtuais para debate entre os seus participantes.

Não quero ser repetitivo, mas considero que a Universidade deveria aproveitar essa pandemia para repensar-se. Qual seu papel no passado, no presente e qual será no futuro? Que cenários podemos desenhar para nos proteger de catástrofes econômicas, sociais, ambientais, de gestão, de organização. E os cursos de Pós-graduação deveriam protagonizar esse debate. O Brasil foi assolado por dois eventos catastróficos em menos de dois anos: a greve dos caminhoneiros e a COVID-19.

A greve descobriu os erros do passado em concentrar poderes em grandes capitais ou em grandes depósitos. Vide o caso do álcool. Os governos militares, por questões estratégicas, mudaram o espírito de um programa muito bem pensado: o do Pró-álcool, de 1975 a 1990. Esse programa tinha por base o estímulo à produção de um combustível alternativo e substituto da gasolina por ocasião de crises de abastecimento e ou de preços internacionais muito altos do petróleo. No início do programa, os agricultores das regiões mais quentes do estado estavam muito satisfeitos pois vinham nessa medida uma importante fonte de renda, a venda direta de álcool.

A UFSC através de seus departamentos de engenharia química e do colégio agrícola de Araquari, testaram modelos de micro usinas de destilação do etanol. Certamente o programa deslancharia não fosse o absurdo receio de que esse combustível pudesse fugir do controle do governo e ser usado por grupos terroristas ou por algum país inimigo.

O programa continuou, teve sua glória pela diminuição do uso da gasolina pois o álcool anidro poderia ser usado em mistura com a gasolina ou vendido nos postos como etanol hidratado. Esse programa resultou em milhões de dólares de economia para a nação. Por outro lado, todo o álcool produzido passou a ser conduzido para grandes depósitos onde o governo através da Petrobrás tinha e ainda tem pleno controle. Com essa atitude, o governo não olhou para o seu povo do interior, mas para os grandes empresários donos as grandes usinas de destilação, e para a Petrobrás.

Outra atitude pensada para facilitar o trabalho dos atravessadores foi a construção de enormes CEASAS, Centrais de abastecimento destinadas a promover, desenvolver, regular, dinamizar e organizar a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros espalhados pelos grandes centros urbanos e comandados pelo maior deles situado no município de São Paulo. Granjeiros de todo o País reúnem sua produção e a encaminham diretamente para os Ceasas locais, ou são consumidos localmente ou os remetem a São Paulo onde o produto é preparado e redistribuído para o país todo, fazendo uma viagem de 1000 km para São Paulo e depois mais 1000, para então ser consumido no município de origem. O mesmo se dá com o álcool, encarecendo drasticamente o produto para o consumidor e custando absurdamente para o produtor.

Esse sistema entrou em colapso com a tal greve, pois ninguém era autorizado pelos grevistas burlar sua vigilância e seguir viagem. Houve desabastecimento e o povo começou a passar dificuldades até para conseguir alimentos, uma vez que tudo vinha dos grandes Ceasas e com o bloqueio nada saía das fazendas e das agroindústrias e tampouco chegava ao consumo.

O desabastecimento não era apenas com combustíveis e alimentos, na verdade com quase tudo, expondo as mazelas do modelo econômico vigente.

Santa Catarina foi exemplo para o País ao por opção ou por sorte, conseguiu não se centralizar totalmente. Cidades de médio porte estão bem distribuídas pelo Estado. A agricultura familiar ainda é responsável por boa parte do que está na mesa do cidadão, porém está sendo invadida por grandes Shoppings Centers, por grandes Supermercados em detrimento das vendas muito comuns nos bairros até os anos 80.

A pandemia da COVID-19, dois anos mais tarde pega a população mundial de surpresa e promove a maior crise humana desde a Gripe Espanhola que acometeu o mundo na segunda década do século passado. Estamos sem poder sair de casa. As crianças sem escolas, as fábricas em marcha lenta, a população sem consumir.

Beneficiam-se economicamente apenas poucos setores como os supermercados, os grandes laboratórios e as farmácias, as empresas de tele entrega. Mas a população está morrendo, nas cidades, quanto maior a pobreza mais gente acumulada em casebres insalubres, gente essa invisível para os grandes capitalistas que definem as regras e escolhem os modelos econômicos que mais lhes trazem lucros.

Os bancos, chorando lágrimas de crocodilo, continuam abutres das pessoas, na expectativa de que suas empresas trabalhando sempre protegidas auferam ainda mais lucros com vendas de ações. Até quando a população vai aceitar isso, não sei. O que sei é que

estamos vivendo tragédia após outra. Fotos tiradas dos satélites, por outro lado, mostram que a natureza está sorrindo. Menos produção industrial, menos trânsito motorizado, menos consumo menos poluição.

As catástrofes não estavam no horizonte dos idealizadores do modelo econômico. Agora elas exigem a volta dos pequenos negócios, da agricultura familiar, com a produção de alimentos diversificada em regiões mais propícias por clima, solo ou cultura do agricultor, mas menos centralizada.

Moral de toda história, deste longo, mas preciso que seja, reflexivo texto, em momentos de crise, quanto mais próxima a produção do consumo, quanto maior o incentivo a descobrir modelos econômicos desconcentradores, e distribuidores de renda, quanto mais a sociedade urbana se convencer que precisa se apoiar no campo e apoiar o campo, quanto mais os governantes perceberem que investimento na qualidade da alimentação das pessoas, no saneamento básico, na reforma agrária, no estímulo a agricultura familiar, com escolas rurais, com energia solar ou de outras fontes não poluentes, quanto mais valor for dado ao que realmente tem valor, mais tempo todos teremos de nos defender das crises e teremos mais vida e mais vida com qualidade.

Mas onde resgatar a força dessa agricultura se hoje são os velhos que moram no campo? A juventude foi estimulada a deixar não só o campo, mas as pequenas cidades as quais estão perdendo a vitalidade. Essas grandes ameaças tornaram-se, infelizmente, oportunidades extraordinárias para a Academia debruçar-se e oferecer soluções. E nosso curso de pós-graduação está no epicentro da solução, na Mãe de todas as soluções.

Por último, eu acho muito boa iniciativa a de resgatar informações e opiniões de pessoas que passaram pelo curso e que gostariam de deixar alguma sugestão, algum alerta, para o aperfeiçoamento contínuo desse programa e sua maior penetração na sociedade.

Finalmente me perdoem por essas digressões aborrecentes, mas eu tinha a obrigação de contar um pouco da minha própria história e muito das minhas angústias que sei serem de toda a população.

Muito Obrigado.

Depoimento do Professor José Antônio Ribas Ribeiro em comemoração aos 25 anos do PGA
O prof. Ribas Ribeiro foi subcoordenador do PGA durante os anos de 2001 a 2002, e coordenador durante 2002 a 2003.